

Festival Política

19 A 22 ABRIL 2018 CINEMA SÃO JORGE

Abril em Lisboa



© Jorge Matos

Depois de uma primeira edição dedicada ao tema da abstenção, o Festival Política regressa em Abril para discutir as questões da igualdade e da não-discriminação. Há muito para fazer, ver, partilhar e participar.

Estaline na abertura

“A Morte de Estaline” é o filme oficial de abertura do festival. Mas há mais filmes de Portugal, Brasil, Estados Unidos, Espanha, Suíça, Irão e Turquia para ver. Cinco realizadores vão juntar-se ao debate. → p. 2

Aqui também há música e arte

A programação para os quatro dias inclui debates, workshops, filmes e actividades para crianças, mas também reserva espaço para performances, arte e música. Conheça os pontos altos do programa. → p. 4

Os números da nossa realidade

Quando mergulhamos nas estatísticas e nos estudos deparamo-nos com um retrato que nos devia envergonhar. As desigualdades relacionadas com o género, nacionalidade, raça, orientação sexual e deficiências continuam a ser gritantes. → p. 8

Que direitos?

O Cinema São Jorge abre as suas portas para a segunda edição do Festival Política, que entre cinema, conversas, debates, concertos, workshops e arte nos convida a repensar a sociedade actual e os moldes em que exercemos a nossa cidadania. Depois da problemática da abstenção ter dado o mote para a edição de 2017, este ano a tónica está colocada nas questões da igualdade e da não-discriminação. Há muito para fazer, ver, partilhar e participar.

Participe. O festival propõe três debates: um relacionado com a justiça, outro sobre diversidade religiosa e um terceiro dedicado à comunidade cigana. Haverá ainda um encontro com deputados, sendo necessária inscrição via festivalpolitica@gmail.com. Há ainda workshops/conversas sobre activismo nas redes sociais, tecnologia e direito à cidade. **Conheça.** O festival conta, além dos participantes dos debates e dos dinamizadores de workshops, com cinco realizadores convidados e vários artistas que estarão connosco entre quinta e domingo. Todos estarão disponíveis para partilhar as suas histórias e experiências. Pelo São Jorge também irá cruzar-se com os nossos embaixadores. **Partilhe.** Com produção da Krypton, realização de Gonçalo Franco e criatividade de João Gomes de Almeida, o anúncio do festival é um manifesto pró-diversidade. Ajude-nos a espalhar a mensagem, partilhando o anúncio nas redes sociais.

ANÁLISE DE RUI DE ABREU, ARQUITECTO

Estaline para principiantes

Portador de deficiências físicas (um pé deformado e um braço atrofiado por um atropelamento aos 12 anos), Estaline foi dispensado do serviço militar na Primeira Guerra Mundial. Na sua ascensão gradual na estrutura do partido bolchevique, antes e depois da Revolução de 1917, as suas funções nunca foram militares. Encarregue de gerir as nacionalidades do ex-Império Russo, agora convertido em União de Repúblicas Socialistas, fez questão de impedir independências ou autonomias nas províncias periféricas (nomeadamente a sua terra natal). Foi também encarregue da logística e mantimentos do Exército Vermelho durante a guerra civil, entre 1918 e 1922.

Na iminente morte de Lenine, precoce face à ainda instável situação interna e externa da já aqui União Soviética, o seu nome é referido, mas olhado com condescendência por outros membros da elite do partido. Estaline não é um herói de guerra nem um teórico brilhante, e as comparações com o seu futuro arqui-inimigo Trotsky começam a notar-se nos últimos meses de vida de Lenine. Mas Estaline é prático e pragmático. As suas funções desempenhadas na retaguarda são reconhecidas, tal como sua organização metódica. Os anos de funções por todo o país garantem-lhe apoio das bases partidárias. Os congressos seguintes do PCUS são revitalizados com militantes de base angariados durante a guerra civil. O país quer paz e ordem, e os lirismos revolucionários de Trotsky não garantem nem uma nem outra. Estaline fica e os rivais vão saindo do caminho com tempo e precisão.

Parte substancial das purgas políticas de Estaline nos anos 30 foram, precisamente, no Exército Vermelho. Estaline liquida quadros, oficiais e estrategas e tudo o que faça lembrar Trotsky e bravuras militares. As poucas experiências militares anteriores a 1941 mostraram umas forças armadas depauperadas e mal equipadas quando comparadas a potências vizinhas, facto que ficou patente no apoio aos republicanos na Guerra Civil Espanhola.

O início da Operação Barbarossa (a invasão alemã de 1941) que constitui a traição de Hitler face ao pacto de não-agressão germano-soviético de 1939 altera todo uma situação vigente. Estaline, o recruta inapto e gestor da retaguarda passa a marechal heróico que sustém, rebate e derrota a ameaça nazi. Estaline em 1938 é um estadista alienado, em 1945 um vencedor aliado. Estaline defende a mãe-Rússia, recupera o orgulho pátrio e reautoriza a abertura de igrejas e cultos como suporte moral na-

cional. Em 1945 Hitler jaz morto e a bandeira vermelha no topo do Reichstag é uma imagem que immortaliza o fim da guerra e o seu principal vencedor. Nas cimeiras de Teerão, Ialta e Potsdam, Estaline diz o que quer e retalha a Europa com a autoridade de quem assumiu a maior despesa em vidas humanas. O mundo do pós-guerra é o de duas potências mundiais, e Estaline governa isolado a maior.

Achincalhado pelos opositores revolucionários pela sua inexperiência militar é a vitória na II Guerra Mundial que lhe é reconhecida como a maior glória. Se as purgas e massacres são uma imagem do terror, as paradas anuais do dia da vitória, na Praça Vermelha de Moscovo mantêm viva a memória e legado do vencedor.

Curiosamente a sua aparência e indumentária parecem ter sido um presságio. Não tendo sido militar nem na Guerra de 14-18 nem na Guerra Civil desde a Revolução de Outubro passou a vestir sempre uma farda simples e botas militares, com um bem aparado bigode. Acompanha assim na imagem a transição do desleixo juvenil para o soldado-base na guerra entre classes. A guerra maior viria depois.

Transição, transformação ou revolução. Poucos períodos de mudança da História mundial foram tão rápidos e duradouros como a transformação da Rússia em URSS. Churchill nota nas suas memórias quer o espanto na rapidez das linhas de montagem de carros blindados como na invenção de uma “torneira que mistura água quente e fria na mesma bica”. Estaline recebe (ou toma) uma herança pesada de Lenine: um país destruído por 10 anos de guerra, externa e interna. Uma economia primitiva, um país rural, uma sociedade feudal. Trezentos anos depois dos impulsos modernizadores de Pedro, o Grande (um dos dois czares que Estaline admira, juntamente com Ivan, o Terrível) a economia e a sociedade russas permanecem quase inalteradas.

De país rural a potência industrial, de fomes cíclicas a exportador de cereais, de exército improvisado a potência nuclear. De carroças com batatas ao Sputnik, primeiro satélite no espaço. Estaline herda camponeses famintos e lega cientistas e cosmonautas.

O seu pragmatismo e dogmas de infalibilidade pessoal (o culto de personalidade é retrato da reverência messiânica de se faz alvo) vão alterar radicalmente as práticas ainda experimentais de Lenine. A Revolução de Outubro é alimentada pela carestia da guerra, mas os bolcheviques pouco conseguem durante os seus primeiros anos no poder. As tentativas de colectivização

saem goradas. A guerra civil consome tempo e recursos. O comunismo enquanto meta permanece distante. A política de Lenine para evitar o descalabro (NEP ou Nova Política Económica) foi a reintrodução parcial da iniciativa privada para os pequenos negócios. A economia recupera, a agricultura também, e Lenine define a jogada como “um passo atrás para dar dois em frente”.

Estaline entende que o país não pode esperar, e a guerra civil (entre partidos) fora um passo apenas na guerra maior (entre classes). Abandonando a ideia de comunismo internacional ou revolução mundial, caros a Trotsky e demais fundadores, aposta na ideia do comunismo num estado forte, que possa inspirar outros pela sua eficiência. São gerados planos quinquenais com objetivos e metas de produtividade. A colectivização dos solos é um passo necessário à mecanização da agricultura, logo é implementada. A produtividade industrial tem de ser aumentada, logo eliminam-se entraves e atrasos. As delações sobre trabalhadores lentos ou improdutivos (logo sabotadores do bem comum) são uma das várias fórmulas para instalar o terror. Mas funciona. Terror, trabalhos forçados, fome, morte, exílio, são para Estaline apenas etapas num percurso definido.

Os números de vítimas mortais do regime de Estaline são ainda hoje debatidos. Entre mortos pela fome, perseguidos políticos, execuções sumárias, vítimas na guerra, há valores que vão dos 15 aos 60 milhões de mortos por influência directa ou indirecta de Estaline. Os números do progresso atingido são menos sujeitos a variáveis interpretativas. Oito horas de trabalho diário, direitos à habitação e educação, paridade salarial entre homens e mulheres, tudo parecem direitos adquiridos, mas foram introduções inéditas num país em que a escravatura feudal fora abolida cerca de uma geração antes de 1917.

O medo e temor que inspirou tiveram um epílogo de tragico-média na hora da sua morte. Sabendo os guardas que Estaline não gostava de ser interrompido nas suas sextas passaram mais de 24 horas até alguém entrar no escritório para importunar o repouso do marechal. Estava estendido em urina e vítima de um derrame cerebral há horas. Ainda assim há um circo entre médicos por medo em passar certidão de óbito e vê-lo acordar. A memória do medo ultrapassou-o na morte.

➔ No dia 19 de Abril, às 21h30, decorre a sessão oficial de abertura do Festival Política, com a ante-estreia de “A Morte de Estaline”, filme de Armando Iannucci

TESTEMUNHO DE THOMAS MANDL

What Else Europe

O What Else Europe (WEE) nasceu da ideia de querer ligar os meus amigos criativos, oriundos de vários países, num contexto diferente. Reservei um AirBnB para todos nós em Veneza, organizei um pequeno programa, entrei em contacto com criativos de Veneza. No final, passada uma semana, todos ficaram amigos, inspiraram-se uns nos outros e assim nasceu a ideia do meu projecto.

Decidi continuar em 2016 e ter mais nacionalidades europeias envolvidas na edição no Porto, depois de ter constatado o impacto positivo que a semana teve em todos nós. Já dois anos depois, na passagem de ano

de 2018, reuni um grupo de 24 criativos de 9 países europeus em Antuérpia. Tivemos a honra de nos sentarmos com criativos como Geert Bruloot, a força motriz do “Antwerp Six”, para falarmos sobre política e activismo. Organizámos uma conferência em Antuérpia com um painel excelente de oradores como Eduardo Aires, Joel Nyström e Mary Kibirige, que estava aberta a criativos locais para trazerem ideias novas. Fomos a museus e sentamo-nos em cafés, passámos horas a partilhar ideias e sonhos, e conhecemos o trabalho uns dos outros. Co-criámos em workshops e o FoMu terá uma exposição com o resultado do

nosso workshop de um dia com Erik Kessels sobre a identidade da cidade de Antuérpia.

O meu desejo para o WEE é que continue a servir como plataforma de impulso, inspiração e incentivo para os criativos no seu trabalho, e que estes se inspirem numa cidade europeia. Além disso, quero que o WEE se torne num grupo de reflexão para se enfrentarem os problemas da Europa e das cidades para as quais nos dirigimos, e que deixe um legado nos lugares onde nos reunimos. Na próxima edição, convidarei também jovens políticos ou estudantes de ciências políticas a juntarem-se à reunião, para que os criativos

estejam mais envolvidos na política e para mostrar o poder que as ideias criativas podem ter nas mudanças políticas.

A unidade que temos na Europa não é suficiente. A paz que temos na Europa não é suficiente. A UE não é suficiente. A UE não é perfeita e precisa de uma transformação. Nós, como cidadãos europeus, precisamos de perceber que a UE não é apenas algo económico, é algo social. A Europa e a UE têm de ser o nosso “heimat”. “Heimat” é um termo alemão que não tem tradução em inglês. O “heimat” é mais do que a nossa terra natal, é o lugar onde nos sentimos em casa e seguros. O What Else Europe está

já a criar esta noção de “heimat” para os criativos, gerando amizades, combatendo preconceitos em relação a outras nacionalidades e estabelecendo redes além-fronteiras. Precisamos de mais projectos como o What Else para contrariar o nacionalismo e para proteger o milagre da paz que temos na Europa.

Thomas Mandl é fotógrafo e organizador do What Else Europe e estará presente na sessão Arte x Política x Canal 180, no dia 19 de Abril, às 18h30, na sala 3.

TEXTO DE CÁTIA DOMINGUES

Humor e Preconceito

Bom trocadilho. Eu sei. Humor também vive disto. E não tem de ser para rir à gargalhada. Juro.

O humor é uma caricatura das Ramblas, em Barcelona. É pegar em elementos ou estereótipos e exagerar as meias verdades. As anedotas, os malucos do riso, o humor popular vive de generalizações e exageros.

E com isto quero dizer que o humor é o que quem cria quiser que seja. Se há tema que volta e meia entra na ordem do dia — não são os números crescentes de violência doméstica, o caso BES ou a precariedade — são os limites do humor. E a única coisa que tem limites é esta conversa. Eu não vou para as redes sociais discutir os limites dos balancetes.

É sempre injusto legislar coisas como um piropo ou uma piada, como qualquer coisa que seja extremamente subjectiva. Há quem se ria imenso com sketches dos “Malucos do Riso” em que os homossexuais têm uma voz deficiente, usam plumas e tótons coloridos na cabeça mas que depois se ofendem muito com uma piada sobre cancro. E a vida é assim. Por isso, sugiro que cada um viva e deixe viver.

Eu tento fazer da escrita ácida e da sátira, uma arma. Há quem diga que o humor é simplesmente um barómetro que mede a temperatura social, acho que pode ser mais. Não é uma AR-15, mas é capaz de ser uma maior arma do que as de destruição maciça que “encontraram” no Iraque. Percebi que o tom humorístico é um veículo de informação do caracás. Informação que o público que seja por que razão for, geralmente não consome. E informação é poder. Só pessoas informadas podem agir sobre alguma coisa. Se não, está tudo bem e amanhã é outro dia. E isto é um facto. A minha matéria-prima tende a não ser sobre as vítimas e assenta naturalmente no que as pessoas escolheram, não no que não escolheram. Por isto tudo, percebi que o humor pode desconstruir preconceitos, meter em causa, ser uma voz de oposição. E se isto não é uma arma, então os humoristas não seriam globalmente o alvo que são.

No dia 20 de Abril, às 17h, Cátia Domingues vai moderar na sala 2 o debate “Que diversidade religiosa existe em Portugal?”. Segue-se, às 18h, a conversa/workshop “Humor como forma de combater o racismo”



COMENTÁRIO DE ALEXANDRA BARBOSA

A história de Bruno e Camel Toe

A arte da Camel Toe é uma forma de expressão física e intelectual. O meu objectivo com este documentário é partilhar a libertação que este tipo de expressão permite. Todo o filme é uma partilha da parte do Bruno para nós e a viagem por onde ele nos leva através da sua transformação faz-nos também considerar a nossa, principalmente perante a sociedade e perante o outro.

Acima de tudo, é um exercício de curiosidade e interesse, da minha parte, talvez de forma egoísta, ou não. Tenho a necessidade de me reconstruir através do outro e de explorar universos reais distantes do meu para que

possa tornar-me cada vez mais empática e talvez para que possa tornar-me cada vez mais conhecedora do próprio mundo sendo que muitas vezes este se abre perante nós através das pessoas que encontramos. Posso dizer-vos que nunca fui a Moçambique, no entanto conheço Maputo porque alguém me contou que quando era pequeno os miúdos brincavam na rua e empilhavam mensagens num muro onde se encontravam.

Também posso dizer que nunca fui um homem e que nunca fiz drag, no entanto, percebo agora um pouco mais aquilo que isso implica e por isso convido-vos

a fazer o mesmo. A descobrir um mundo repleto de alegria, de força e luta política, de espectáculo e, sem dúvida, de liberdade que contamina toda a gente.

O Bruno é um exemplo da necessidade de nos reinventarmos completamente e constantemente, com medo mas com coragem.

A curta-metragem “Camel Toe” integra a noite LGBT, a partir das 21h30 (20 de Abril) na sala principal do São Jorge, com um concerto com Fado Bicha e três curtas-metragens. Alexandra Barbosa, Bruno/ Camel Toe e a Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro, estarão presentes

Programação 2018 Abril

19 QUINTA-FEIRA

17H30
**A JUSTIÇA
É RACISTA?***
DEBATE
SALA 2

A partir de casos judiciais que têm tido cobertura mediática e a par da análise de situações vividas no quotidiano, vamos responder às seguintes questões: A legislação portuguesa garante uma proteção eficaz contra o racismo e a xenofobia? Porque razão quem nasce em Portugal não é automaticamente português? As instituições são eficientes a combater a não discriminação no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica?

Participam Lúcia Gomes e José Semedo Fernandes (advogados), Joacine Katar Moreira (investigadora), Beatriz Gomes Dias (presidente da Djass-Associação de Afrodescendentes) e Manuel Santos (sociólogo) a moderar

18H30
**ARTE X POLÍTICA
X CANAL 180**
3 FILMES
35', SALA 3

**“Thoughts on
Collectivism”**

Uma reflexão sobre os direitos e políticas sociais, as suas exigências, comportamentos enquanto utilizadores de serviços e plataformas digitais e as inerentes questões de ética que se levantam quando somos produtos e produtores dos mesmos.

Filmado durante o festival “TodaysArt” 2018, em Den Haag, Holanda.

**“Life beyond
our screens”**

Aqueles sete dias passados no 18o Creative Camp (Abrantes) na companhia de estranhos, que rapidamente se tornaram amigos, servem de reflexão para a importância do encontro pessoal. A internet é ótima, mas conversar sem teclar é muito melhor e partilhar emoções sem a ajuda de “emojis” continua a ser a melhor forma.

Com a participação de Andrés Colmenares (Internet Age Media), Antonia Folguera (Sónar +d), Chris Unwin (The Creator Class) e Jeff Hamada (Booooooom).

**“A new flag
for Europe”**

Baseado no depoimento de três participantes do encontro “What Else Europe” realizado em Antuérpia em 2017, e nas suas ideias sobre a Europa, as suas experiências criativas sobre viver e trabalhar na Europa e o seu envolvimento no “What Else Europe”.

Com a presença na sessão de Thomas Mandl, fotógrafo e activista organizador do “What Else Europe”

19H30
**COMPOSITORES
EXILADOS**
LOPES-GRAÇA,
HINDEMITH
Por Solistas
da Metropolitana
SALA MANOEL DE OLIVEIRA

Na relação entre o Aljube (Lisboa) e a prisão de Montluc (Lyon), tristemente célebre por ser um local de encarceramento e tortura da Gestapo, este quarteto de cordas, formado por quatro dos Solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa, apresenta um programa constituído por duas obras de compositores cujas vozes foram “abafadas” pelos respectivos regimes – o salazarista em Portugal e o nazi na Alemanha. No mês de Junho, o mesmo Quarteto atuará na Prisão de Montluc interpretando obras de três outros compositores exilados.

F. Lopes Graça – Quarteto de Cordas nº 2, LG 87

P. Hindemith – Quarteto de Cordas nº 1, Op. 2

21H30
**SESSÃO OFICIAL
DE ABERTURA
DO FESTIVAL
“A MORTE DE
ESTALINE”**
FILME DE
ARMANDO IANNUCI
1h46', SALA MANOEL DE OLIVEIRA
ANTESTREIA EM PORTUGAL
- PARCERIA CINEMUNDO

O filme do britânico Armando Iannucci, que relata de forma burlesca os conflitos entre o círculo próximo de Estaline após a sua morte, em Maio de 1953. A sua exibição foi proibida na Rússia.

20 SEXTA-FEIRA

17H
**QUE DIVERSIDADE
RELIGIOSA EXISTE
EM PORTUGAL?***
DEBATE
SALA 2
MODERAÇÃO: CÁTIA DOMINGUES

Jovens de diferentes religiões vão partilhar as suas experiências sobre o convívio inter-religioso, preconceitos e desconhecimento sobre os seus cultos num país que é considerado “extremamente tolerante” em matéria religiosa, e apresentar soluções para uma melhor integração quotidiana das suas práticas confessionais.

17H30
**“MINAS DO
FUTEBOL”**
FILME DE
YUGO HATTORI
50', SALA 3

Em 2016, por não existir campeonatos da categoria sub-13 feminino em São Paulo, a equipa do A.D. Centro Olimpico propôs-se participar num campeonato masculino, a “Copa Moleque Travesso”. E contra a expectativa da maior parte das equipas, o grupo valorizou-se e passou da fase de grupos às semi-finais, até chegar à final. Mas ser campeões é apenas o começo da história.

O judoca Célio Dias e o Secretário de Estado da Juventude e Desporto, João Paulo Rebelo, estarão presentes.

18H
**HUMOR COMO
FORMA DE
COMBATER
O RACISMO***
CONVERSA POR
CÁTIA DOMINGUES
SALA 2

As redes sociais e as caixas de comentários estão a revelar-se um palco de fomento da intolerância e discurso de ódio. Cátia Domingues, a partir do seu trabalho como humorista, vai explicar como é possível desmontar o preconceito recorrendo... ao riso.

18H30
**CARA A CARA
COM DEPUTADOS***
FOYER 1.º ANDAR

Encontro entre os cidadãos e deputados representantes de todas as bancadas parlamentares. Durante cinco minutos, os participantes inscritos conversam com cada um dos sete deputados sobre o tema do festival.

Sujeito a pré-inscrição até dia 18 via festivalpolitica@gmail.com

19H
“CLASS DIVIDED”
FILME DE MARC LEVIN
60', SALA 3
APRESENTADO POR EMBAIXADA
DOS ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA/ AMERICAN FILM
SHOWCASE

O documentário é um retrato actual sobre o aumento da divisão entre “ter” e “não ter”. Jovens dos dois lados da barreira partilham os seus pensamentos sobre as suas perceções da injustiça de forma honesta e única.

21H30
FADO BICHA
CONCERTO
30', SALA MANOEL OLIVEIRA

O Fado Bicha é apresentado por Lila Fadista na voz e João Caçador na guitarra. Um projecto que resulta da subversão e da experimentação.

Com a presença da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Rosa Monteiro.

22H NOITE LGBT 3 FILMES

APROX. 60', SALA MANOEL DE OLIVEIRA

“Camel Toe”

Alexandra Barbosa
– Presença da realizadora na sessão

Um jovem de 26 anos inicia-se na cultura drag do Porto em 2015, tendo sido inicialmente rejeitado em vários clubes por ser “demasiado gay”. Actualmente é amplamente reconhecido como Camel Toe e a sua personalidade excêntrica dá-lhe voz para defender as várias expressões artísticas e na luta contra o preconceito.

“Afronte”

Roxo Beringela

Ficção e documentário juntam-se para apresentar o processo de transformação e “empowerment” de Victor Hugo, um jovem negro gay que vive nos subúrbios de Brasília, capital do Brasil.

A sua história junta entrevistas com outros jovens que apresentam outras formas de resiliência e discursos valorizando os jovens negros gays.

“Lorna Washington – Surviving Probable Losses”

Leonardo Menezes

Ícone do transformismo na cena gay carioca, Lorna Washington é conhecida pela sua versatilidade, elegância e pelas opiniões polémicas. Ela fez história em boates que marcaram os anos 80 e 90 como: Papagaio, Incontrus e nos áureos tempos da Le Boy e da 1140. A militância na luta contra o preconceito e na consciencialização sobre o HIV também a levaram à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro para receber uma homenagem.

21

SÁBADO

15H CHAPITÔ PROJETO MALA MÁGICA: WORKSHOP DE CAPOEIRA*

SALA MANOEL DE OLIVEIRA

O projecto Animação em Acção/ Mala Mágica foi concebido no contexto do trabalho artístico desenvolvido pela Equipa de Animação do Chapitô junto de jovens que cumprem medidas tutelares educativas, promovendo, através das artes, a sua inclusão social. Neste workshop os jovens serão os animadores e apresentarão o fantástico mundo da Capoeira a todos os que quiserem participar, mediante inscrição.

Capacidade: 15 pessoas. Mediante pré-inscrição via festivalpolitica@gmail.com

15H30 “PELA MÃO DE ALICE”

FILME DE RAQUEL FREIRE
100', SALA 3

O documentário “Pela Mão de Alice” segue as andanças académicas e sociopolíticas de Boaventura Sousa Santos no decurso do projeto de investigação ALICE: Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas. A ideia de que a imaginação política europeia precisa de se reinventar a partir das experiências sociais e políticas do mundo surge ali pautada por múltiplos encontros, viagens e lugares de partida que nos dão acesso às visitas que movem Boaventura ao encontro das Epistemologias do Sul.

16H30 COMO A TECNOLOGIA PODE AJUDAR A COMBATER A VIOLÊNCIA E A REFORÇAR A DEMOCRÁCIA*

POR ANA NEVES
WORKSHOP
SALA 2

Venha descobrir ferramentas digitais que, um pouco por todo o mundo, são usadas em prol da defesa dos Direitos Humanos e da participação dos cidadãos na vida democrática.

17H30 QUE INTEGRAÇÃO PARA AS COMUNIDADES CIGANAS*

DEBATE
SALA 2

É uma das comunidades mais ostracizadas em Portugal e em que o preconceito continua a dar cartas. O que falha? É possível mudar de paradigma? Como é que a própria comunidade vê a questão? Vamos também reflectir sobre as problemáticas inerentes à condição feminina nas comunidades ciganas e sobre o papel da mulher cigana enquanto veículo de mudança.

Co-organização É Apenas Fumaça.

18H30 SESSÃO RACISMO E IMIGRAÇÃO

6 FILMES
APROX. 63', SALA 3

“4242”

Sara Eustáquio

Inspirado numa história verdadeira “4242” é uma interpretação cinematográfica de um poema escrito por uma adolescente que deixa a sua pátria, família e amigos para viver noutro país algures na Europa.

“Refugee poetry”

Dave Lojek

Zeravan Khalil, poeta e ator curdo iraquiano, viaja por um desfiladeiro Alpino depois de fugir da guerra e do genocídio. Ao recordar-se do abominável, escreve o poema intitulado “You drive me mad” em curmânji.

“AnorMal”

Luis Galán

O que nos preocupa hoje? O que nos preocuparia se fôssemos uma criança sem sapatos nas ruas de Saint Louis? AnorMal é uma amostra de viagem à pobreza, através das luzes e dos sons que nos permite sentir um pouco da realidade tão diferente da nossa.

“Remember everything, to not forget anyone”

Enrico Chiarugi

Um homem percorre Lampedusa, uma ilha italiana no meio do Mediterrâneo. Recita os nomes das vítimas de 3 de Outubro de 2013, quando mais de 500 emigrantes morreram tentando chegar à Europa.

“Misafir A Guest”

Mariam El Marakeshy

Este documentário foca-se na história de três adolescentes refugiados de países em guerra (Palestina, Síria e Afeganistão) que fugiram à procura de uma vida melhor em Istambul. O filme destaca os seus passados, como se adaptaram à vida naquela cidade multicultural e como a mesma os acolheu como “convidados” e não como “refugiados”.

“We are all rejected”

Anoush Masoudi (com a presença do realizador na sessão)

Num escritório, um homem analisa pedidos de acolhimento de emigrantes.

19H A CIDADE INVISÍVEL*

POR ANTÓNIO BRITO GUTERRES
CONVERSA
SALA 2

Lisboa para além dos lugares comuns e da cidade que está na moda. Que (outra) cidade (periférica) é esta que esconde outras realidades e que foi construída, ao longo dos tempos, por vagas de migrações? De que forma as políticas públicas (não) têm contribuído para combater a segregação social? Uma apresentação para conhecer a Lisboa desconhecida que fervilha humana e culturalmente.

21H30 “OUVIR COM OUTROS OLHOS” PERFORMANCE VÍDEO MUSICAL NUNO MENESES E GABRIELA ALMEIDA (WHALE’S MOUTH)/ IMAGENS UNHCR

SALA MANOEL DE OLIVEIRA

22H “TELL THEM WE ARE RISING”

FILME DE STANLEY NELSON
85', SALA MANOEL DE OLIVEIRA
APRESENTADO POR EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA / AMERICAN FILM SHOWCASE

A história dos colégios e universidades negras na América começou antes do final da escravatura e desenvolveu-se no século XX, influenciando profundamente o curso da nação por mais de 150 anos. Uma história que apesar de rica, se mantém ainda desconhecida de muitos.

22

DOMINGO

15H30 “ANOTHER LISBON STORY” FILME DE CLAUDIO CARBONE COM A PRESENÇA DO REALIZADOR 58', SALA 3

No Bairro da Torre em Lisboa, os moradores são parte activa das decisões do lugar onde vivem e uma equipa de investigação segue o processo da sua inclusão na sociedade.

16H AS CORES DA CIDADE CINZENTA WORKSHOP INFANTIL – 4 AOS 8 ANOS SALA 2

“Era uma vez uma cidade pintada de cinzento (...) tudo existia pintado da cor cinzenta.... Um dia, porém, chegou à cidade cor de cinza uma família muito diferente de todas as que ali viviam.”

A partir desta história vamos reflectir, questionar e... sonhar: Somos todos iguais? O que é isso de ser “diferente”? As cidades são espaços de encontro de várias culturas: isso é bom ou é mau? O que é que a interculturalidade tem a ver com a cidadania e com os Direitos Humanos?

Capacidade: 10 famílias. Mediante pré-inscrição via festivalpolitica@gmail.com

Parceria: Alto Comissariado para as Migrações

17H “POST TRUTH TIMES WE THE MEDIA” FILME DE HÉCTOR CARRÉ – PRESENÇA DO REALIZADOR NA SESSÃO 52', SALA 3

Os media têm sido alvo de cepticismo e de ira por parte de políticos agressivos e de uma população que parece alienada. Como pode a verdade sobreviver numa sociedade que não valoriza a veracidade dos factos? Talvez não exista outra organização mais afectada por este dilema que os media tradicionais.

17H30 “PSS”* PERFORMANCE POR ZACARIAS GOMES SALA 2

Hoje ambicionamos ser diferentes, ser originais, mas continuamos divididos pela cor da nossa pele, pelo nosso género, pela nossa orientação sexual, pela nossa religião, pelo nosso estilo e pelos nossos segredos. Em ‘Psss...’ abordamos o caos, confrontamos o caos, contamos os nossos segredos, escrutinamos o nosso ADN e no fim somos apenas dois esqueletos.

18H30 “CITY OF GHOST” FILME DE MATTHEW HEINEMAN 92', SALA MANOEL DE OLIVEIRA SESSÃO OFICIAL DE ENCERRAMENTO – PARCERIA ONU PORTUGAL

Este documentário segue os esforços de “Raqqa Is Being Slaughtered Silently”, um movimento de activistas anónimos que se juntaram depois de o seu país ter sido tomado pelo ISIS em 2014.

TODOS OS DIAS DO FESTIVAL

“LIBERTADOR DISPENSADO” EXPOSIÇÃO DE NUNO BETTENCOURT E RUY OTERO

GRÂNDOLA RMX VÍDEO-INSTALAÇÃO DE CÉSAR SOUSA E JOÃO MEIRINHOS 4'40

* Com tradução para Língua Gestual Portuguesa

TEXTO DE RAQUEL FREIRE

Pela Mão de Alice

“O possível tem de fazer o possível e o impossível para ser realmente possível. Daí a radicalidade da vontade”

Boaventura Sousa Santos

Alice e eu temos uma busca comum: uma outra forma de viver. Realizar este documentário parecia uma missão impossível, pela desproporção dos meios para realizar um projecto tão vasto e tão profundo.

Contar a história do projecto ALICE tinha de ser contar também a história do seu criador, Boaventura de Sousa Santos, os sonhos, as expectativas, o que estava previsto ser e o que é, as contradições epistemológicas, as dificuldades, os conflitos, as perdas, as alegrias, os avanços. Como é que as ideias e acções de Boaventura e do seu projecto transformam a vida das pessoas, dos movimentos sociais, partidos políticos e governos?

Boaventura é um pioneiro. O fundador do Fórum Social Mundial desenvolve com o projecto Alice e xs investigadorxs, novos paradigmas para os problemas actuais, baseados na partilha transnacional de experiências e de conhecimentos. Da Grécia a Cabo Verde, da Bolívia a Espanha, do Brasil a nós. É um dos mais importantes pensadores a nível mundial, porém, o que o torna único é a sua acção concreta na vida política de muitos países, nas formas alternativas ao pensamento dominante, na resolução de conflitos e guerras.

Filmei-o em movimento, a ir às pessoas que precisam, sejam elas a Plataforma contra os Despejos cuja líder foi eleita alcaide de Barcelona; seja o Podemos; sejam os movimentos brasileiros de trabalhadores e sem terra, onde ficou amigo do ex-presidente Lula da Silva; sejam os líderes indígenas da Amazônia, sejam activistas gregxs. É solicitado em todas as partes do mundo onde há cambio. Isto levou-me a filmar: a transformação real que Boaventura semeia e cuida.

O meu desejo de fazer este filme correspondeu à minha vontade de sair dos percursos

tradicionais: deixar a universidade, seguir os meus sonhos, fazer cinema.

1

1995. Foi o que me levou a sair da Universidade de Coimbra. Voei para a Tunísia. No deserto encontrei os tuaregues em tendas. As mulheres conversavam, colhiam plantas, faziam chá. As crianças brincavam. Os homens conversavam e fumavam.

– Fazem o quê? – Ils sont là. – Como: Ils sont là? Trabalham? Vão para onde? – Ils sont là. Curto-circuito na minha cabeça. Eu não sabia que era possível. Être là. Existir. Foi no deserto que experienciei que é possível viver de outras formas.

Voltei para casa, mas fiquei no deserto durante dias. Quando acordei, marquei uma entrevista com o cineasta cujos filmes mais amava, comuniquéi aos meus pais que ia abandonar a Faculdade de Direito, o namorado, o projecto da casa, uma vida profissional promissora. Fui ser ALICE. Viver os meus sonhos.

2015. Em Paris antes de regressar a Coimbra para apresentar o meu documentário Dreamocracy com Boaventura, tive um pesadelo: voltava à violência da universidade, como no meu primeiro filme “Rasganço”. Dum longo e aceso debate com o sociólogo, com quem me correspondo há anos, chegou o momento de criar para lá do que vivi. De criar futuro.

Este filme faz todo o sentido no meu caminho. Depois de ter feito filmes sobre a transformação e as lutas sociais, como o direito à educação, a interrupção voluntária da gravidez, a identidade sexual, o racismo, a criação artística, a indignação e a participação cidadã, a democracia, neste filme pela primeira vez confluem as minhas escolhas de vida numa forma global. Holística, como artista e activista.

Estamos a viver momentos difíceis de renascimento de forças totalitárias, fascistas, até nazis. E eu exijo ter um futuro digno. O cinema é também isto, questionar, pôr-nos em causa – por isso quis entrar no mundo de ALICE. Filmei a inversão do olhar, as emergências, as emancipações sociais, os processos complexos de “utopias realistas”, a democratização da democracia, as economias alternativas à acumulação capitalista, à degradação ambiental, os direitos humanos, os paradoxos de tudo isto. Sem triunfalismo, com o espírito crítico essencial para fazer cinema.

A minha ALICE começa nesta sede de despir uma pele e encarnar outras. Nas viagens que fiz desde então, no Brasil, na Ásia, em África, nos “suis” de Berlim, de Paris, de Barcelona, procurava as “Vozes do Sul Global” que foram excluídas, invisibilizadas e que são fundamentais para um mundo “justo e respeitador das diferenças e dos valores da natureza, do bem-estar e do bem viver”.

2

Assim nasceu um filme — eu decidi contar a história de ALICE e do “optimista trágico” que toda a vida pensou, escreveu, “coraçonzou”, agiu para descolonizar o olhar, buscando soluções para vivermos com dignidade. Para o continuar da força para a conquista diária da alegria.

A minha urgência em fazer este filme não poderia ser melhor dita que por quem a criou: “mesmo se alguns duvidam que outro mundo é possível, um outro mundo é urgentemente necessário.”

➤ O filme “Pela mão de Alice” será exibido às 15h30, dia 21 de Abril, sala 3

COMENTÁRIO DE ANA NEVES

Tecnologia reforça a democracia?

Nas redes sociais proliferam ataques discriminatórios e de violação aos direitos humanos. Contudo, as redes sociais, e as ferramentas sociais no geral, são também palco para inúmeras iniciativas que visam denunciar violações a esses mesmos direitos. Ushahidi é uma plataforma de código aberto usada em todo o mundo como base para projectos que recolhem relatos de violação de direitos humanos. O HarrassMap no Egipto e o Syria Tracker que acompanha o conflito sírio desde 2011, são apenas dois exemplos. O #Eu-EmpregadaDomestica nasceu da iniciativa individual de uma activista brasileira. Trata-se de uma

página no Facebook onde ela publica testemunhos de abusos e discriminação que lhe são enviados por empregadas domésticas. O TweetBalas nasceu no México em 2013: um alerta para a discriminação que ocorre nas redes sociais, nomeadamente no Twitter. Por cada cinco mensagens contendo palavras discriminatórias, era disparada uma bala de tinta vermelha contra uma parede do Museo de Memoria y Tolerancia. As ferramentas sociais também são usadas para criar um contexto favorável à protecção dos direitos humanos por parte daqueles que democraticamente nos representam. No Brasil, a plataforma

#MeRepresenta permite aos eleitores perceber quais os candidatos políticos com quem estão mais alinhados relativamente à sua posição em temas como a igualdade de género, racial e de orientação sexual. Em Portugal a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APDSI) criou o grupo CivicTech que está a criar ferramentas digitais para dinamizar a participação cívica e a defesa dos direitos humanos.

➤ Ana Neves estará às 16h30 (21 de Abril) a dinamizar o workshop “Como a tecnologia pode ajudar a combater a violência e a reforçar a democracia” (sala 2)

TESTEMUNHO DE ANOUSH MASOUDI

Somos todos rejeitados



A vida não é um fenómeno justo para muitas as pessoas, os direitos básicos dos seres humanos não são os mesmos para todos. Enfrentamos a ignorância sistemática e a rejeição dos valores humanos a propósito da nacionalidade, género, orientação sexual, classe económica e religião. Tentamos rotular as pessoas por categorias e não como seres humanos individuais. A situação política actual no mundo político mostra-nos uma profunda crise da migração provocada por conflitos políticos. “We are all rejected” (Somos

todos rejeitados) é uma das minhas últimas curtas-metragens no Irão, antes de deixar o país e ir para a Alemanha.

O filme foi uma resposta inconsciente à minha situação, uma situação injusta em que tive que lutar por todos os meus direitos. O sistema rotula-nos como “outsiders” e este é o momento de resistência, para além da nacionalidade, religião, sexualidade e género, temos que nos unir pelos mesmos direitos para todos os humanos. O meu filme é apenas uma imagem simbólica de todas as minorias

do mundo, que lutam por seus direitos, seja no ocidente ou no oriente.

Como realizador iraniano imigrante aprendi que temos de lutar pelos nossos valores e pagar um preço por isso, combater as linhas vermelhas que censuram, tanto no Irão como na Alemanha.

➤ O realizador estará presente na sessão de curtas-metragens **Racismo e Imigração**, projectadas a 21 de Abril às 18h30



TEXTO DE CLAUDIO CARBONE

Um bairro às portas de Lisboa

O Bairro da Torre é um bairro de génese informal, nascido ao lado do aeroporto de Lisboa, como resultado de uma ocupação ilegal por parte de populações portuguesas, africanas e ciganas. Estas casas não estão legalizadas. São o resultado da ausência de uma política que não conseguiu responder nos últimos anos às necessidades dessas populações com baixos rendimentos. A busca de soluções menos tradicionais tornou-se o meio alternativo pelo qual se tenta “resolver” o problema da habitação.

Neste contexto vivem actualmente 62 famílias, cerca de 300 pessoas, mulheres, crianças, homens, idosos, pessoas com deficiência e, em alguns casos, com graves problemas de saúde. Vivem num bairro sem condi-

ções mínimas de higiene, com casas precárias, sem saneamento básico, nem sempre com água potável disponível.

O tema das cidades informais para os europeus tem um sabor exótico (é fácil pensar as favelas brasileiras). Poucas pessoas sabem que estas são realidades paralelas que crescem muito perto de nós.

É a partir do encontro entre a comunidade e um grupo universitário, que começou um processo de inclusão deste bairro estigmatizado, com o objectivo de uma futura integração por meio do planeamento urbano comum, seja através de práticas de auto-produção em seus habitats, seja através de movimentos de cidadãos em defesa dos seus direitos.

➤ O realizador estará presente na apresentação do filme **“Another Lisbon Story”**, no dia 22 de Abril, às 15h30, na sala 3

65,6

milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a sair de casa

20

pessoas são deslocadas à força a cada minuto em consequência de conflitos ou perseguições

5.622.358:

total de refugiados sírios

Nenhum dos dez países que acolhem mais refugiados faz parte da União Europeia

71,1%

da população portuguesa sem nível de escolaridade são mulheres. Números que mudam ao nível do ensino superior: em cada 100 pessoas com ensino superior completo, cerca de 61 são mulheres

22,4%

dos professores catedráticos são mulheres

35,9%

dos representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos/as são mulheres

31%

é a diferença média entre as pensões recebidas por homens e por mulheres. Atinge os 41% no escalão dos 70 aos 74 anos

1974

foi o ano em que foi permitido o acesso das mulheres a todos os cargos da carreira administrativa local, à carreira diplomática e à magistratura

1991

foi o ano em que foi permitida a entrada de mulheres para as Forças Armadas

Sabia que na primeira década após o 25 de Abril de 1974, a presença feminina na Assembleia da República é praticamente irrelevante e em 2005 a representação feminina continuava a rondar apenas um quinto do total de lugares? E que só em 2015, nove anos após a aprovação da Lei da Paridade, se atingiu o limiar de paridade que está definido na Lei (33%)? A Lei da Paridade ainda não é cumprida nas Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira, respectivamente com 24,6% e 23,4% de taxa de feminização

80%

das vítimas de violência doméstica são mulheres

6.576

é o número de mulheres em idade fértil que poderá ter sido submetida à prática da mutilação genital feminina/corte em território português

Sabia que a ameaça ou violência psicológica é o crime mais denunciado contra pessoas LGBTI? E é fora dos grandes centros urbanos que o peso da discriminação, e sobretudo da invisibilidade e do isolamento, mais se faz sentir

Portugal é um dos países europeus que mais manifesta racismo biológico (acredita que há raças inferiores: 52,9%) e racismo cultural (acredita que há culturas melhores: 54,1%)? A média europeia é de 29,2% e 44%, respectivamente

O nosso país está entre os que mais se destacam, juntamente com a Polónia, a República Checa, a Hungria e Espanha, ao manifestar uma maior resistência a abrir as fronteiras a muçulmanos do que a cidadãos de países pobres não europeus ou de grupos étnicos diferentes

Brasil, Cabo Verde, Ucrânia, Roménia, China e Angola são as principais nacionalidades de estrangeiros residentes em Portugal

37%

dos estrangeiros residentes em Portugal não têm direitos políticos

Os cidadãos de países terceiros têm de acumular no mínimo 2 anos de residência antes de poderem-se recensear, enquanto que aos cidadãos da União Europeia não é exigido qualquer período mínimo de residência legal em Portugal antes do recenseamento

A deficiência é o segundo motivo mais apontado para a discriminação em Portugal (65%) — a par da identidade de género transexual ou transgénero — e é aquele onde se regista a maior diferença em relação à média da UE (+15%)

O desemprego registado desceu 18,8% entre 2011-2016 para a população geral, mas aumentou 26,7% na população com deficiência

Apesar da discriminação ser legalmente proibida, não existe nenhum instrumento jurídico nacional a reconhecer o risco de discriminação múltipla para as mulheres com deficiência ou para as crianças com deficiência, apesar da sua vulnerabilidade acrescida

59%

dos edifícios não têm entrada acessível a pessoas com mobilidade condicionada e que se deslocam em cadeira de rodas

Fontes: ACNUR, CIG, ILGA, ICS-UL /European Social Survey, Boletim Estatístico Observatório das Migrações, Observatório da Deficiência e Direitos Humanos/UL, Indicadores de Direitos Humanos, INE

Conceito

Associação Isonomia

Produção

CULTURA EGEAC

produtores ASSOCIADOS

Media Partners

RTP 3

Apoio

REPÚBLICA PORTUGUESA

ICDJ

Parceiros

ONE MUNDO

GRALDERIA

Chapito

MALA MAGEB

ACM

UNIC

KRYPTON

FILM

INE